

# As bandas de música e o conservatório: processo de legitimação dos espaços musicais

## Comunicação

Matheus Lopes Costa Nóbrega  
UFPB  
matheustrombone15@gmail.com

**Resumo:** Neste artigo será realizada uma análise de mundos bastante distintos, que são as bandas de música e o conservatório. Mesmo o ensino realizado em ambos os espaços possuir características que se assemelham, existem relevantes peculiaridades que os distinguem. Iremos observar que um desses espaços (conservatório) legitimou-se ao longo do tempo, tendo favorecido a construção de concepções que perduram até os dias atuais na sociedade. Já as bandas de música, mesmo com toda a tradição existente em diversos locais do país, não conseguiram alcançar a mesma notoriedade perante a sociedade. O modelo conservatorial com o foco na leitura de partitura e na prática instrumental alicerça o ensino que predomina nesses dois espaços musicais.

**Palavras chave:** Bandas de música. Conservatório. Legitimação. Sociedade

## Introdução

O ensino de música ocorre em diferentes locais e em diversos contextos, e em cada um deles, a música possui uma funcionalidade específica, atendendo a um público alvo, proporcionando ao mesmo diferentes possibilidades dentro do aprendizado musical. Dois desses locais onde o ensino de música acontece são bastante tradicionais em nosso meio, que são os conservatórios e as bandas de música. Esses dois locais se encontram em contextos diferentes, um correspondendo a um contexto não-formal de ensino ou ao terceiro setor, que abrange ONG,s e projetos sociais, que são as bandas de música, e o outro ao ensino de música em escola especializada, representado pelo conservatório.

Cada um dos campos investigados utiliza estratégias metodológicas distintas para o ensino de música, porém com o foco no ensino de instrumento e teoria musical. Mesmo possuindo algumas características similares entre os espaços, eles não se assemelham no que se refere à representação social que cada campo investigado representa para a sociedade.

A maneira como as pessoas apropriam-se da música e o olhar para esses dois contextos (bandas de música e conservatório) dependem de fatores construídos socialmente, vinculados ao capital cultural que os indivíduos envolvidos adquiriram ao decorrer da vida.

Neste trabalho, será proposta uma análise de como um desses campos tornou-se tão legitimado entre as classes e o outro, mesmo existindo uma grande tradição no Brasil e em outros países, não construiu durante a história a mesma significação e representação perante a sociedade.

## **As bandas de música e o conservatório**

As bandas de música vieram juntamente com os colonizadores portugueses, transformando-se numa das principais manifestações culturais do nosso país e tomando conta de muitas cidades brasileiras no decorrer dos tempos:

A banda de música faz parte de um universo de tradição artístico cultural de grande importância para a comunidade, tanto no aspecto de entretenimento, quanto no aspecto educacional. É um movimento cultural que se manifesta em diversas regiões do Brasil e do mundo. Esta corporação se firmou no Brasil, desde os primórdios da colonização portuguesa, se configurando como forte identidade musical do país. (SILVA, 2012, p.23).

O movimento de bandas cresceu após a independência do Brasil e, com isso, as bandas partem para a esfera civil, pois até então eram vinculadas, em grande parte, às forças militares. Souza (2010) relata que todo o movimento cultura de bandas se amplia “através da criação de denominações variadas como ‘filarmônica’, ‘agremiação musical’, ‘lira’, ‘euterpe’, ‘banda de música’ e ‘banda civil’”. (p. 29).

Em muitos lugares do mundo, as bandas já tinham uma tradição forte e suas funções perante a sociedade, e não seria diferente em nosso país. Muitas cidades têm como atração principal as bandas de música, que se apresentam em diversos espaços, como igrejas, praças públicas, escolas e durante várias festividades da cidade. Tanto as cidades do interior como grandes capitais têm a banda como uma manifestação cultural local bastante importante. De acordo com Costa (2011):

As bandas constituíram-se, muitas vezes, como uma das únicas manifestações culturais das pequenas cidades interioranas. Podem ser pequenas ou grandes e em diversos estilos, como de fanfarra, marcial, de coreto, entre outros. Independente da classificação, elas estão presentes nos momentos sociais mais importantes da cidade, sejam civis ou religiosos. (COSTA, 2011, p.242).

A função da banda de música na sociedade vai além de apresentações públicas. Existe um caráter social bastante forte e importante para a construção da sociedade de uma maneira ampla. A participação da comunidade é o que faz com que a banda permaneça com suas atividades em muitas localidades. Sem apoio financeiro e cultural dos governos, as bandas continuam em atividade devido à importância que ela representa para muitos membros da comunidade, que não desejam que essa tradição, às vezes centenária, possa sucumbir e a principal atração cultural da cidade desapareça. Costa (2008) relata que:

A história das bandas se entrelaça com a história dos municípios, bairros e corporações onde atuam e representam. As bandas são, portanto, patrimônios de nossa história e de nossa cultura, nem sempre beneficiadas pelas leis de incentivo e apoio cultural do país. São formadas pelos próprios membros da comunidade como estudantes, eletricitas, mecânicos, pedreiros e etc., pessoas de diferentes idades e etnias. (COSTA, 2008, p.27).

No âmbito educacional, a banda possui uma função educativa que “se estende a todos que apreciam suas apresentações, pois nelas a comunidade conhece instrumentos, músicas, ritmos, texturas, técnica instrumental, entre outras informações que a manifestação musical das retretas oferece ao público” (COSTA, 2008, p. 32). Ou seja, não são apenas os alunos pertencentes à corporação que tem acesso ao conhecimento musical. O acesso à informação é compartilhado com todos da comunidade que assistem às apresentações da banda em diferentes contextos.

Entrando no contexto do conservatório, o ensino da música gira em torno do ensino de instrumento, reverenciando a música europeia dos séculos passados, utilizando tanto metodologias tradicionais no ensino da música, como também o repertório tocado nas grandes salas de concerto do velho continente, criando assim um modelo de ensino bastante característico. Vieira (2000) nos informa que:

A origem desse modelo encontra-se na Itália do século XVI, quando a palavra conservatório foi utilizada para nomear instituições de caridade que conservavam moças órfãs e pobres. Dentre as atividades desenvolvidas naquelas instituições, destacava-se a música. Ao longo dos séculos, a música tornou-se a única atividade desenvolvida em instituições denominadas conservatórios. Nesse contexto, o protótipo que vem norteando o ensino da música ocidental é o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, criado em 1795. (VIEIRA, 2000, p.1).

A formação de grandes instrumentistas para atuarem em diversas configurações musicais existentes, principalmente em orquestras, é de fato o principal objetivo dessas instituições. Buscando sempre encontrar e lapidar os alunos que possuem mais “facilidade”, a busca pela perfeição na performance, causa a exclusão de muitos alunos, na medida em que permanecem apenas os chamados “virtuosos”. Burnard (2012) traz em seu livro “Musical Creativities in practice”, um capítulo abordando como se dá a construção desse músico virtuoso, tratando-o como um ‘mito’, trazendo vários exemplos principalmente de grandes compositores do século XVIII, e discutindo como esse mito é construído e qual a função do mesmo na sociedade.

O ensino da teoria musical, que é trabalhada de forma desvinculada da prática instrumental em ambos os espaços (banda de música e conservatório), é totalmente descontextualizado da vivência dos alunos. O professor passa os assuntos mecanicamente, separando a teoria da prática, tratando a aula como uma alfabetização musical (JARDIM, 2002, p. 109-111). Assim, deveria haver no ensino da teoria musical, elementos que propiciassem aos alunos um melhor entendimento acerca dos assuntos abordados, como a utilização do instrumento musical nas aulas teóricas. Buscando compreender os fundamentos da teoria trabalhados em sala e utilizando o instrumento musical como um recurso metodológico, cria-se assim um ambiente favorável à aprendizagem do aluno, possibilitando-o fazer relações dos assuntos teóricos com o instrumento, criando conexões entre a teoria e a prática.

Esse modelo de ensino tradicional conservatorial se instalou no Brasil a partir do Conservatório Imperial de Música, criado em 1841, e efetivamente instalado em 1848:

No Brasil, o Conservatório Imperial de Música foi criado no século XIX, constituindo-se como um marco na história das práticas pedagógico-musicais do país. Essa importância não reside no fato do conservatório ter instituído práticas que perdurariam até hoje, mas, antes, por institucionalizar e legitimar

práticas de ensino de música que vinham sendo praticadas no Brasil desde os primeiros anos de sua colonização. (PEREIRA, 2015, p.2).

Muitos conservatórios que se instalaram no país se transformaram em instituições que atualmente oferecem cursos de graduação (bacharelado e licenciatura), permanecendo em seus currículos traços do ensino dos antigos conservatórios.

## O processo de legitimação

As bandas de música e o conservatório tornaram-se campos distintos ao longo do tempo. As bandas de música eram compostas por pessoas da camada social menos favorecidas em que “no passado, seus componentes foram escravos ou alforriados e, posteriormente, passaram a ser lavradores, mecânicos, escrivães, operários de fábricas, artesãos, barbeiros, militares reformados ou funcionários aposentados”. (COSTA, 2011, p.243). Já o conservatório tinha uma prática de ensino musical já consolidada na Europa, e foi se legitimando no Brasil a partir da vinda de músicos instrumentistas europeus para o país, com a chegada da família real e criação do Conservatório Imperial de Música com o objetivo de “cultivar a imagem de uma civilização europeia transplantada para América tropical”. (AUGUSTO, 2010, p.67). Com isso, a sociedade começou a separar um campo do outro a partir das classes sociais. Quem participava das bandas de música eram pessoas menos favorecidas economicamente e culturalmente, e quem integrava os conservatórios de música eram pessoas de famílias abastadas. Bozon (2000) descreve e analisa práticas musicais numa pequena cidade que possui diferentes associações musicais, dentre elas uma orquestra sinfônica e uma fanfarra. O estudo apresenta os espaços de música que são legitimados na cidade e a rivalidade que existe entre os mesmos. A população destrata a fanfarra enquanto enaltece as outras associações musicais como a orquestra e a Harmonia (orquestra de instrumentos de sopro). Podemos observar que independente da classe social, os espaços musicais legitimados se sobressaem, perpetuando essa postura até os dias atuais. Esse comportamento, independente de classes sociais, não foi alterado ao longo do tempo, e cada espaço musical continua buscando sua legitimação perante a sociedade. As classes partem em busca dessa legitimação isoladamente, cada uma trabalha com seu próprio grupo. Criando uma relação do estudo de Bozon com as bandas de música e conservatórios, as bandas

de música utilizam espaços públicos para suas apresentações conseguindo, no máximo, um certo reconhecimento, enquanto um espaço musical legitimado como o conservatório, utiliza-se de mecanismos para um alcance maior, possibilitando um reconhecimento não apenas local:

As associações menos legítimas no plano cultural, compostas de membros dos meios populares, procuram sua legitimação no contato com associações exteriores, da mesma natureza que elas: elas mesmas formam seus membros, e suas atividades consistem em saídas e numerosas animações, que lhes permitem obter um certo reconhecimento local. Inversamente, as associações mais legítimas e mais prestigiosas localmente compreendem os membros das camadas abastadas e beneficiam-se do aporte das instâncias e dos poderes locais, incluindo a imprensa. (BOZON, 2000, p.170).

Essa legitimação alcançada por um dos campos, no caso o conservatório, foi construída historicamente e foi passada ao longo do tempo para a sociedade, trazendo uma certa naturalização e uma concepção de que os conservatórios possuem mais importância que as bandas de música. Essa construção de significação de alguns espaços se dá através das diversas interações existentes dentro de uma sociedade, que acabam criando concepções diversas a respeito de algo, caindo assim no senso comum, onde os indivíduos acabam compactuando com essas ideias estruturadas socialmente e historicamente, tornando-as inquestionáveis. (ARROYO, 2000, p.15).

Mesmo os conservatórios construindo durante a história uma certa hegemonia no ensino de música, contribuindo para o ganho de prestígio e corroborando para que a sociedade enxergasse o mesmo como o único meio de ensino de instrumento legítimo, descartando outras possibilidades existentes, o ensino de música nas bandas se dá de forma bem mais acessível se comparado ao que acontece nos conservatórios. As práticas existentes no contexto conservatorial resumem-se em aulas de instrumento professor –aluno, aulas teóricas totalmente desvinculadas do ensino de instrumento e o trabalho em grupo que existe está ligado a ensaios de orquestras e outros grupos dentro do conservatório. O aluno inserido nesse contexto, limita-se em fazer apenas aquilo que o professor acha correto, não existindo, em muitos dos casos, um diálogo para que “o professor oferecesse ao estudante a oportunidade para este refletir a respeito do que está aprendendo e trabalhar suas ideias e questionamentos”. (HARDER, 2008, p. 42).

As aulas teóricas, nas bandas, dão-se de forma bastante similar às do conservatório porém, o ensino voltado à música e ao instrumento nas bandas acontece de forma coletiva, trabalhando os conteúdos teóricos juntamente com o repertório da banda. Dessa forma, o aluno consegue assimilar melhor os conteúdos e já consegue conectar a teoria com a prática do repertório que irá executar junto à banda, criando significado para os conteúdos vistos nas aulas. De acordo com Nascimento (2006):

A metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais consiste em ministrar aulas ao mesmo tempo para vários alunos. Essas aulas podem ser de forma homogenia ou heterogenia [sic.] e é efetuada de maneira multidisciplinar, ou seja, além da prática instrumental, podem ser ministrados outros saberes musicais intitulados academicamente como: teoria musical, percepção musical, história da música, improvisação e composição. (NASCIMENTO, 2006, p. 96).

Essa prática resulta em um aprendizado mais completo do alunado por trabalhar diversos aspectos, não só musicais, mas também sociais, através das interações proporcionadas através dos ensaios e aulas coletivas.

Podemos concluir que a legitimação do conservatório de fato ocorreu ao longo do tempo, tornando-o um dos espaços de ensino de música mais consolidados entre as classes existentes. Mesmo com o aumento das possibilidades de ensino de música em diferentes contextos, a concepção construída sobre o conservatório ainda perdura na atualidade. Grandes músicos intérpretes surgiram através do ensino conservatorial, músicos esses que foram alunos que conseguiram de alguma forma seguir passo a passo o ensino que lhes foi oferecido. Porém, o espaço das bandas de música, mesmo possuindo algumas similaridades com o conservatório, é bem mais democrático e quebra, de certa forma, esse ensino bastante tradicional de música que vem se sustentando durante séculos. Concordando com Kraemer (2000, p. 54), que afirma que as “ações da teoria e da prática pedagógico-musical estão voltadas para o tempo presente, mas ainda ligadas a ideias de gerações passadas”, é possível notar que o ensino de música no conservatório, mesmo com as modificações ocorridas ao longo do tempo, ainda está vinculado a formas de ensino ultrapassadas, mas ainda bastante vigentes em muitos espaços que procuram se legitimar perante a sociedade, copiando esse modelo de ensino.

A banda de música procura essa mesma legitimação que o conservatório alcançou, não para que algumas classes sociais mudem a visão já construída sobre esse espaço, mas essa busca tem como um de seus objetivos, a luta para que a tradição das bandas não chegue a desaparecer em algumas localidades, onde possuem uma grande importância no ensino de música. Mesmo possuindo algumas características similares com o conservatório, na questão do ensino de instrumento como foco principal, as bandas de música possuem funcionalidades diferenciadas e são grandes celeiros de músicos instrumentistas que atuam em diversas áreas da música como instrumentistas de bandas e orquestras, arranjadores e maestros.

## Referências

AUGUSTO, Antonio. A civilização como missão: o conservatório de música no império do Brasil. **Revista Brasileira de Música**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 23, n.1, 2010.

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 5, p. 13-20, set. 2000.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. **Em pauta**, Porto Alegre, v.11, n.16/17, p. 144-174, abr./nov.2000.

BURNARD, Pamela. **Musical creativities in practice**. Oxford (UK): Oxford University Express, 2012.

COSTA, Luís Fernando Navarro. **Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro**. 137f. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa-PB, 2008.

COSTA, Manuela Areais. Música e história: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. **Tempos históricos**, v. 15, 2011, p. 240-260.

HARDER, Rejane. **A abordagem pontes no ensino de instrumento**: três estudos de caso. 314f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música. UFBA, Salvador - BA, 2008.

JARDIM, Antonio. Escolas oficiais de música: um modelo conservatorial ultrapassado e sem compromisso com a realidade cultural brasileira. **Plural**: Revista da Escola de Música Villa-Lobos, Rio de Janeiro, ano II, n. 2, p. 105-112, jun. 2002.

KRAEMER, Rudolf D. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico- musical. **Em Pauta**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. v.11, nº 16/17, 50-73. Abril/ Novembro, 2000.

NASCIMENTO, Marco Toledo. O ensino coletivo de instrumentos musicais na banda de música. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 16, 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, p. 94-98

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda Marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino aprendizagem musical. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa-PB, 2012.

SOUZA, Erihuus de Luna. **“Pra ver a banda passar”**: uma etnografia musical da Banda Marcial Castro Alves. 125f. Dissertação (Mestrado em Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa-PB, 2010.

VIEIRA, Lia Braga. **A construção do professor de música:** o modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. UNICAMP, Campinas-SP, 2000.

PEREIRA, Marcos Vinícius Medeiros. O currículo das licenciaturas em música: compreendendo o habitus conservatorial como ideologia incorporada. **Arteriais**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. v.1, n. 1, p. 109-123, fev. 2015.